



Ocupando os dois Primeiros ODS com as estradas, ensinamentos e vivências da Tabanka Blom da atual Guiné-Bissau

Mario Alfredo Mendonça¹

Lilian Aldina Pereira Mendonça e Mendonça (Lilian Mariacó Kumá Katchaki)²

Resumo

Este artigo propõe ocupar os dois primeiros ODS com a voz da *tabanka* Blom, interpelando suas soluções e propostas a partir da sua realidade. A oportunidade de quem foi lida como pobre e/ou miserável, quem foi atribuída a fome do mundo, de descrever sua condição através das próprias lentes e de seus fatores determinantes. A etnografia e *djumbai* (convocação do coração para entrar na roda de conversa de forma aleatória à medida que se sente tocada) entram como ferramentas metodológicas. Ao abordar ODS1, a pobreza aparece como *koitadesa*, “para nós: saber fazer algo e não ter instrumento de uso, isso é *koitadesa*”. Ressaltando que o *djumbai* com interlocutoras e interlocutores foi na língua kriol e pepel, a pobreza não existe nessas línguas. Quanto a ODS2, a fome foi estranhada, “aqui dividimos tudo que tivermos com a vizinhança”. Acrescentando “aqui quando uma pessoa não tem o que comer, outra casa tira a comida ou arroz e manda para a casa que não tem, ninguém nunca fica sem ter o que comer, não partilhar alimento é visto com maus olhos aqui, se o meu filho mesmo come em todas as casas aqui, por quê que eu não posso dar comida para o meu vizinho?” Sobre as frutas, “apenas comemos e o resto fica para os animais e a terra”. A *tabanka* é uma das possibilidades de vetor de cura e da restauração desse nosso mundo caótico. Também é contribuição valiosa para a construção de possíveis caminhos aptos a pensar o desenvolvimento rural sustentável de acordo com perspectivas diversas de saúde, abundância, prosperidades não capitalistas, bem viver, adaptáveis a cada realidade e tendo direito de serem respeitadas independentemente do lugar onde estariam sendo produzidas.

Palavras-chave: Etnografia, ODS, Tabanka, Desenvolvimento Rural Sustentável.

¹ Shelter For Life/Guiné-Bissau. Mestre em Gestão de Projetos ISM mario@shelter.org

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda PGDR/UFRGS. lialdina276@gmail.com

1 Compartilhando Caminho e Saberes de Casa

Somos do povo Baúla de atual pequeno país conhecido como Guiné Bissau. Pela distribuição étnica territorial, por muito tempo cada povo centra-se num cultivo como contribuição à manutenção do consumo local. O povo Baúla é responsável pela produção de hortaliças, verduras e legumes, assim como Fulas e Mandingas são responsáveis pela pecuária, Balantas e Papéis pela cultura do arroz, Bijagós pela pesca, entre outros. Quando este que a abertura comercial de 1974 tem mudado, e grupos étnicos vêm adotando culturas olhando para rentabilidade imediata, sem um olhar sistêmico e integrado, e a cajucultura tem sido refúgio de muitos, por conta da sua valorização no mercado internacional.

Neste artigo vamos buscar narrar vivências ancestrais na tabanka³ Blom na atual Guiné-Bissau. Ressaltando que falamos da tabanka Blom sem querer promover a homogeneização das tabankas deste então país, reconhecendo que cada tabanka é única. Então, dar voz à Blom para narrar a fome e a pobreza ocupando esses dois primeiros ODS e as metas que os acompanham é o nosso objetivo, rogando que o que foi projetado com fins autodestrutivos possa tornar-se vetor de cura e restauração. Dar oportunidade a quem foi lido como pobre e/ou miserável, a quem é atribuída a fome do mundo, de descrever sua condição através das próprias lentes e de seus fatores determinantes.

Como a delimitação territorial só é feita sob dominação de um povo ou cultura para o outro povo ou outra cultura, vamos usar neste trabalho o termo “atual Guiné-Bissau” para quebrar a demarcação da colônia e de seus resquícios, ainda que o território tenha vestido esse nome a partir da conquista de sua “independência” em 1973 reconhecida pelo Portugal em 1974. Antes, Portugal o nomeou Guiné portuguesa, um dos seus pedaços recebido na partição e divisão da África de Oeste, onde se definiu de forma arbitrária as fronteiras que perduram até os dias atuais: a Conferência de Berlim, que durou de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885 (no ano de 2023 completou 138 anos) organizada pelo Chanceler do Império Alemão, Otto von Bismarck, onde se teve participação de 13 países Europeus - Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica,

³ Para povos que habitam atual Guiné-Bissau, as tabankas seriam - numa tradução forçada de kriol (língua local mais falada pelo cunho da unidade territorial) para português - aldeia ou até vila. Tradução forçada é insuficiente porque, para nós, o sentir desse lugar ultrapassa a ideia de aldeia, significa um lugar onde vida humana, vida animal e das árvores interagem e entram em equilíbrio por serem habitadas pelos espíritos.

Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Países Baixos, Portugal, Rússia e Suécia - Império Otomano e Estados Unidos.

O país agora conhecido por Guiné-Bissau fazia parte do império Kaabu (1537 - 1867), e localiza-se na Costa Oeste Africana, fazendo fronteira com atual Senegal ao norte, atual Guiné-Conacri ao sul e ao leste, e com o Oceano Atlântico a oeste. Em setembro de 2023 a Guiné-Bissau completou seus 50 anos de independência autoproclamada. A sua Constituição atual, formulada em 1984, define a atual Guiné-Bissau como uma república semipresidencialista (parlamentarista). O território guineense abrange 36.125 quilômetros quadrados de área, formada por um setor autônomo de Bissau, atual capital e 8 regiões (Região Bafatá, Região Biombo, Região Bolama, Região Cacheu, Região Gabu, Região Oio, Região Quinara e Região Tombali). As regiões são subdivididas em 37 setores. Tem sua população estimada em 1,921 milhão de habitantes (2019). Apresenta um relevo plano que culmina apenas a 300 m de altitude, no Leste, nas colinas do Boé (BANCO MUNDIAL, 2019).

A Agenda 2030, dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável entrará neste projeto através das lentes dessas Tabankas. Ela foi considerada uma agenda global e apresentada ao mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU) em setembro de 2015, como plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que também busca fortalecer a paz universal com mais liberdade. Reconhece que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, estabeleceram-se 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que se desdobram em 169 metas para a construção e implementação de políticas públicas que visam guiar a humanidade até 2030. Objetivos esses que são:

Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos; Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos; Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e

produtivo e trabalho decente para todos; Construir infraestruturas robustas, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação; Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles; Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resistentes e sustentáveis; Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis; Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos; Conservar e usar sustentavelmente dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável; Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade; Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis; e Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Este artigo vai inquirir o ODS1 e o ODS2 com as lentes, vivência e sentidos dos povos que pertencem à tabanka que acolheu esse artigo. Perguntando como Blom ocupa os dois primeiros ODS? Ou seja: o que sobra deles ao serem confrontados, deslocados, interpelados pelas vivências e estradas dessa tabanka?

Partimos do entendimento de que a Agenda 2030 é mais uma das ilusões da ONU em acreditar ter dado certo a propagação e injeção da cultura, modelo e perspectivas euronortecentradas de forma abusiva pelos lugares invadidos com promessas civilizatórias. Traçar 17 objetivos que se desdobram em 169 metas para a construção e implementação de políticas públicas que visam guiar a humanidade até 2030 de forma unívoca e acreditar que todos os lugares o tomariam de igual forma é colonizante. Temo essas implementações nas tabankas, nos territórios habitados pelos povos tradicionais, quilombolas, povos originários e guardiões da terra em todo o mundo, sem romantizar, é claro, esses lugares. Desenhar esses objetivos para o mundo todo é admitir também que o colonialismo deu certo e conseguiu destruir as relações de solidariedade e cultivo do cuidado comunitário em todo o mundo, que não é o caso. Acreditar que a leitura e o sentido da fome e da pobreza seriam incorporadas e vestidas pelas pessoas classificadas ou atribuídas a essas leituras sobre seus corpos é de um ego grande e narcisismo de tamanha enganação.

Contando sete anos restantes para alcançar esses objetivos e já tendo se passado oito anos desde o início da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, embora seja cedo pode-se afirmar que a ONU foi muito ambiciosa no estabelecimento desses

objetivos, já se pode apontar que parecem construídos de forma unívoca para todo o planeta, fazendo com que se pense as soluções ou caminhos que levam a eles por uma única perspectiva e receituário. Com essa percepção de partida, este artigo vai trazer à pauta outras maneiras de produção de conhecimento, de sistematização da produção no meio Rural, as relações solidárias desmaterializadas, partilhas e compartilhadas no fortalecimento e da estruturação de um mercado agrícola invisibilizado. Evidenciar as vidas que compõem uma tabanka, trazendo suas cosmopercepções ancestrais como ferramenta para restauração das pessoas que descendem das tabankas e que por conta dos resquícios da colonização e das investidas da globalização acabam alienando suas terras, seus corpos e todos os elementos da natureza que as envolvem.

2 Procedimentos Metodológicos

Para alcançar os objetivos almejados, esta pesquisa recorre ao método etnográfico. O contato com o campo vai partir de dentro para com a tabanka, nós como célula formada nesse lugar e o retorno físico intermediado por ela, fazendo parte do corpo da pesquisa junto dos interlocutores e interlocutoras, trazendo as histórias contadas por todos e todas que estiveram na nossa formação, ouvindo o que habitantes das tabankas que acolheram esse trabalho têm a nos dizer, sentindo o que sentem, acompanhando-os(as) em suas práticas, vivendo com eles e elas.

Esta pesquisa, para o tempo em que o país se encontra, será um desafio! Os termos que propomos são, em muitos sentidos, opostos aos que as Tabankas têm escutado dos desenvolvedores dos programas da Organização das Nações Unidas (ONU) e de outras ONGs estrangeiras, mesmo quando encarnados em locais. A globalização nortecentrada não costuma ser questionada por esses atores e tampouco rejeitada, isso tem impactado de forma negativa sobre os valores locais. Como uma das propostas também desta pesquisa, gostaríamos de incentivar a restauração dos saberes e valores locais, fortalecer ações coletivas e a poucos coletivos jovens que de forma tímida vem trabalhando nesse sentido. Tocamos, assim, os fundamentos de pesquisa-ação, de Orlando Falls Borda.

Partimos da concepção de que a etnografia é um estudo dos significados da “vida diária” como diz Braga (1988), que se cria na própria interação, uma forma distinta de apreender a realidade, que não se posiciona “fora”, e sabendo que não se consegue apreendê-la totalmente.

A etnografia será realizada somada a outros procedimentos e etapas a serem seguidas, como o “djumbai”, que entra como uma ferramenta metodológica nessa tese. Djumbai é um momento onde o coração é convocado a entrar na roda de conversa, de risadas, contação de história e muita diversão, mau humor não é bem vindo, é um momento de leveza, da digestão, do entardecer, momento antes de ir dormir. As trocas são aleatórias à medida que a pessoa envolvida se sente tocada, mais na frente vamos demarcar a força que o djumbai tem para com essa tese.

Blom nos convocou a essa escrita, como fruto dela apesar de sermos do povo Baúla, a nossa relação espiritual e o vínculo da intermediação do retorno físico a essa dimensão é o motivo forte que nos levou a escrever esse artigo. A escolha dos interlocutores e interlocutoras não foi feita, simplesmente aconteceu de forma natural, num djumbai, elas e eles foram chegando por uma simples conversa que estava acontecendo na casa do tio Zé Có, inicialmente. Os laços foram se trançando no que se tornou um círculo para nós, que escrevemos, e elas e eles, que falavam conosco.

2.1 O Sentido das Tabankas

Na atual Guiné-Bissau, as Tabankas são formadas por um conjunto de Moransas - unidades habitacionais de famílias agregadas - e também definem o lugar da construção cultural, concretização familiar, orientação espiritual, iniciação religiosa, centro de comércio e lugar de realização de conselhos e reuniões políticas das comunidades. Quando situada na floresta, a tabanka torna-se lugar central à prática espiritual do Baloba (que remete à dimensão física do terreiro e simboliza o lugar nas matas sagradas onde as incorporadoras da ancestralidade, as Balobeiras e Balobeiros, vivem e fazem as consultas espirituais) e à prática da iniciação Fanadu (prática de iniciação sagrada que marca a transição de faixa etária e suas ocupações e atribuições entre os mais novos e os mais velhos nos povos da atual Guiné Bissau) nas matas sagradas (DA SILVA, 2017).

Neste trabalho, propomos pensar as tabankas como espaços estruturais, estruturantes das comunidades agrícolas, sem esquecer que são compostas por várias moransas, estejam elas aglomeradas e/ou dispersas. Nesse sentido, o espaço da configuração passa a ser definido por grupo de moransas com as suas áreas abrangentes e que divergem conforme as plantações da diversidade agrícola familiar e grandes

territórios de plantação da monocultura. Também como espaço da concretização familiar por se constituir espaço onde todas as atividades sociais se concretizam, e se tornam lugares de fortalecimento dos laços de solidariedade, através de diferentes relações de afinidades concretizadas por meio dos trabalhos e/ou das diversões (DA SILVA, 2017). Agora que já temos uma noção minimamente sólida do que seriam tabankas, é importante dizer que as moransas podem pertencer a diversas famílias de etnias diferentes, tornando cada tabanka única, ainda que compartilhe pontos em comum com outras – unidade cultural da África costurada por Cheik Anta Diop.

Pedimos no solo e pedimos licença aqui mais uma vez a todas as forças, entidades e divindades da Região de Biombo, por estar escrevendo aqui meu retorno a esse território sagrado. É de conhecimento e de respeito de todos os povos que constituem a chamada Guiné-Bissau, a força e dedicação do povo pepel na manutenção da sua espiritualidade, de geração em geração, como forma de manter viva a essência enquanto uma nação sólida, desvinculada da leitura ocidental de nação. Etnia pepel, como muitas outras etnias africanas, tem a sua maneira de se organizar, sua língua, seus rituais, sua ciência, seu território e etc. A própria Região de Biombo tem um setor chamado Biombo também, e nossa viagem será para o interior deste setor, que é composto por várias tabankas. Blom é a antepenúltima tabanka de Biombo, composta por seis moransas (Có, Tanah, Plut, Osou, Knun e Ksup) e 2.883 de habitantes (em 2009) de acordo com o censo do Comitê do Estado de Quinhamel, capital de Região de Biombo.

3 ODS em Diálogo com os Ensinamentos das Tabankas

Esta seção traz um breve diálogo dos ensinamentos das Tabankas e dos dois ODS escolhidos. A intenção não é necessariamente contrariar a Agenda 2030, e sim interpelar suas soluções e propostas desde outra realidade, que o olhar do Norte Global veste com vários estigmas, estereótipos, desumanização outros. Entender o que acontece com essas soluções quando suas formas são ocupadas pelas intensidades das tabankas.

3.1 ODS1 - Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares

Somos de um lugar onde todas as suas formas são lidas como pobreza de modo que muitos que partilham a mesma origem já vestiram essa nomeação que não foi autoproclamada. Partindo da concepção de que se alguém te nomear conseqüentemente

vai te definir, despir dessa roupa imposta requer um reencontro consigo mesmo. Para deixar de reproduzir qualquer que seja o posicionamento nos moldes eurocêntricos e/ou estadunidenses, resta começar perguntando o que seria pobreza para nós? Será que a nossa definição sobre ela importa? E se importar, seria para quem? E por que nunca foi levada em consideração?

Quando tomamos o dicionário português para ver o significado da palavra pobreza nos aparece “estado da pessoa pobre, de quem tem carência do necessário à sobrevivência”, como sinônimo as palavras: penúria, necessidade, mendicidade, mendicância e miséria. É compreensível essa definição de pobreza vir do Norte, porém, não contempla as vivências das Tabankas, uma vez que as relações não se baseiam no individualismo, nem na escassez dos recursos ou então solidão moral, mas em comunidade.

Sobonfu Somé (2003) no seu livro intitulado “O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar” no capítulo três - “o abraço da comunidade” a autora nos fala que:

“A comunidade é o espírito, luz-guia da tribo, é onde as pessoas reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros.

Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido, não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele, não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham. Além disso, a falta de comunidade deixa muitas pessoas com maravilhosas contribuições a fazer sem onde desaguar seus dons, sem onde pô-los. Quando não descarregamos nossos dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente de muitas formas diferentes. Ficamos sem ter um lugar para ir, quando temos necessidade de ser vistos.

Trazemos essa contribuição da Sobonfu Somé para marcar a realidade desse lado, quando se está na Tabanka, se vive no marco do coletivismo social e da solidariedade material, cada um se ocupa com a responsabilidade que tem com a comunidade a fim de fazer sua contribuição. Assim define-se, por exemplo, a etnia ou moransa que deve

ocupar-se com a cultura de arroz, qual deve prover a comunidade com a horticultura, quem deve cuidar da pecuária e assim sucessivamente.

Tévoédjré (1981) no primeiro capítulo "desonrar o dinheiro" do livro "A pobreza, Riqueza dos Povos", nos diz que diminuir a pobreza através do modelo de desenvolvimento imposto - que quase todos adotamos - nos torna sempre mais dependentes dos outros. Na sua leitura, afirma que a pobreza pode construir uma riqueza para povos. Para sustentar esse argumento, vai relacionar a sabedoria profunda, a celebração da pobreza por parte dos negros em todo o mundo, através de Provérbios, contos e danças.

O autor traz a referência de Jacques Roumain, um escritor, político e defensor do marxismo haitiano, que, ao falar da vida boa fala no "teu pedacinho da terra feito pela coragem dos teus braços com as tuas árvores frutíferas ao redor, teus animais no pasto, todo necessário ao alcance da mão e a tua liberdade que não tem outro limite se não a estação boa ou má, chuva ou a seca". "A minha tentativa consiste em dar as mãos a Tevoedjré, oferecendo mais argumentos para evidenciar como e porque *“a pobreza redefinida e reorientada constitui sem dúvida o único caminho para autodesenvolver-nos”*. Tévoédjré começa dizendo que *“é indecente ouvir pessoas e organizações frequentemente de barriga cheia, exaltar as virtudes dos povos que sofrem a pobreza”* e que não se trata de querer, convenientemente, razões para manter miseráveis povos que foram destituídos pelo Ocidente de sua própria força. Ele próprio afirma ter passado pela miséria e pela fome e sustenta a existência de uma grande diferença entre esse estado e aquilo que propõe entender como pobreza.

Convidando o filósofo iraniano Majid Rahnema (2001), ao referir-se à miséria, descreve pessoas vivendo um grau tal de isolamento que não têm com quem contar, nem alguém para cuidar delas, e que, ao mesmo tempo perderam a força interior ou os poderes regenerativos ofertados pela pobreza convival ou voluntária. Essa dupla miséria atingiria tais proporções que aqueles vivendo a destituição perderiam até mesmo suas habilidades de pensar e agir com clareza na defesa de seus interesses (Apud Machado e Marques 2021). Dessa forma, a miséria sim, poderia ser entendida como condição de destituição, onde a vida não tem mais forças para ser resgatada do estágio a que foi rebaixada.

Resgatando a contribuição de Castro (1965), a respeito da teoria da dependência, explicou a pobreza como consequência das relações de intercâmbio desigual entre países

centrais e periféricos, e não como um produto do subdesenvolvimento cultural como afirmavam os teóricos da modernização, ressaltando, assim, o que entendemos como processos de destituição. Com relação ao espaço rural, a concentração da propriedade da terra e as precárias relações de trabalho adotadas, servis e semi-assalariadas foram apontadas como as principais questões para a permanência da pobreza rural. Os teóricos dependentistas fizeram duras críticas à teoria da modernização, que atribuía a causa da pobreza aos valores culturais dos camponeses, considerados atrasados e arcaicos, mantenedores de relações de produção pré-capitalista não-industriais, supostamente, entraves para o avanço da “modernidade”. Josué de Castro e Darcy Ribeiro foram dois pensadores da teoria da dependência que combateram as vertentes da modernização e neomalthusianas afirmando que o subdesenvolvimento não era falta de desenvolvimento, mas uma consequência dele, uma derivação inevitável da exploração econômica colonial ou neocolonial, que continua se exacerbando sobre as diversas regiões do planeta (Machado e Marques, 2021).

A leitura que se propagou pelo ocidente remete muito à carência das necessidades como alimentação, vestuário, alojamento e cuidados de saúde, por isso essa perspectiva se desestabiliza ao entrar em contato com outras narrativas. Quando a Blom nos responde que para eles e elas não conseguir trabalhar porque está faltando uma enxada e falta tapar a bolanha (várzea), e isso lhes traz ou lhes veste a roupa de koitadesa⁴, isso nos fez pensar que quando somos perguntados sobre algo que foi atribuído a nós, a resposta pode vir com influência dessa atribuição feita de séculos de repetições, acaba tendo reprodução dela. Mas a fala da tabanka acaba sacudindo o sentido atribuído, desestabilizando e tensionando pontos presumidos. Em Blom como a troca foi num djumbai a pobreza voltava a aparecer, em outro momento, com outros interlocutores e outras interlocutoras como koitadesa, como “fato de querer trabalhar e não ter meios” para tal, “isso é pobreza para nós: ausência de apoio”, “eu saber fazer algo e não ter instrumento de uso impossibilita trabalhar, então leio isso como koitadesa” diz o vovô Udetá. Lembrando que djumbai foi na língua kriol e pepel, então a pobreza não existe nas nossas línguas e sim a koitadesa, que já é uma outra esfera ampla que inclusive ainda estamos explorando. Neste lugar de koitadesa, a pessoa está numa comunidade, vivendo da natureza e compartilhando alimentos com a

⁴ Viver e compartilhar apenas o que a natureza lhe dá sem auxílio estatal.

vizinhança, o cuidado e gestão das crianças de uma forma coletiva, é um lugar onde não se conta com apoio do Estado, onde o governo é ausente, a própria comunidade, morana ou então tabanka é que se ajusta e se apoia em tudo.

Convidando Marques e Machado (2021) no verbete, “pobreza”, onde as autoras exploram variados sentidos dados à pobreza e concluem que “ainda que busquem a origem da palavra e seus significados nos mais completos dicionários, dificilmente alcançariam definições consensuais, pois pobreza é um termo polissêmico, utilizado por muitas culturas e por essa razão assume sentidos e significados múltiplos, tratando-se de um fenômeno complexo e histórico, definido sempre em suas relações”(TÉVOÉDRJÈ, 1981; RAHNEMA, 2001; Marques, 2017; RÜCKERT et al, 2019).

No ensaio incorporado no Desenvolvimento em Debate (2021), abrindo a discussão da “Desigualdade Social e Pobreza”, intitulado “Pobreza e desenvolvimento: imaginários coloniais e insurgências teóricas desde o Sul”, Marques e Machado trazem a percepção da pobreza pela “amplitude das relações, definida como condição daquele que está sozinho para dar conta de sua vida” pelos aymaras bolivianos (aquele que não tem família) e algumas comunidades indígenas amazônicas (solteiro). Já entre os hindus implica “uma subsistência baseada na simplicidade, frugalidade, suficiência e respeito por tudo que é vivo”.

Conseguir escrever essa ocupação de Blom nesse ODS provando estar relacionado dessa maneira tão integrada, acompanhando o ciclo de vida da natureza, conectado com todas as espécies vivas de forma respeitosa nos inspirou muito. São coisas que eu já sabíamos, porém, nos alegrou o fato de estar sendo feito ainda, essa solidarização, a vibração da humanidade nos encheu de esperanças e nos conforta as dores que o ocidente nos causam entrando em contato ele estando na diáspora.

Que esse nosso conforto possa chegar em cada pessoa que vai ler-nos, poder ver, sentir e nutrir esse lugar. Encorajamos-lhes a continuar, implorando, dizendo: não cansem! não cansem de fazer o que fazem! Que não vos falte força para seguirem fazendo o que fazem! Vocês são nosso espelho, o sustentar dos mundos comunitários de reciprocidade e gentileza, pegadas leves pela terra, que possamos nos restaurar e estarmos em conjunto, escrevendo sobre esse lugar!

3.2 ODS2 - Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável

O conceito da fome no ocidente está atrelado ao de pobreza, são correlacionados nas narrativas de destituição. Recentemente estão se desenvolvendo discussões sobre matar a fome, o que realmente mata a fome nos ajuda a alcançar a segurança alimentar e melhora a nutrição? Olhando para a geografia de hegemonias e subalternidades pautada na lógica colonial, onde a Organização das Nações Unidas e sua agenda de desenvolvimento é estabelecida para ser seguida por países nomeados de “3º mundo”, criando uma lista daqueles que seriam os 50 países mais pobres, inicialmente chamada “lista de países inviáveis” ou “fracassados”, onde a atual Guiné Bissau foi colocada como um desses ditos países.

De acordo com o Banco Mundial (2017) esses 50 países concentrariam pessoas que possuem renda inferior a um dólar e noventa centavos (US\$1,90) por dia. Essa métrica classifica automaticamente essas pessoas como aquelas que vivem na extrema pobreza. Esse índice passou a ser utilizado em 2015 e é calculado com base na paridade do poder de compra, indicador que considera a necessidade do indivíduo a partir da questão nutricional de subsistência, convertida em dinheiro (Machado e Marques, 2021).

Isso nos fez lembrar que sempre que víamos e/ou escutamos muitas pessoas falando e escrevendo sobre atual Guiné-Bissau ter pessoas a viver com renda inferior a um dólar e noventa centavos (US\$1,90) por dia, com sentimento carregado às vezes de pena e lástima, outras vezes com o reforçar da leitura do Banco Mundial como verdade absoluta e raras vezes distante desse lugar da conversão da questão nutricional em dinheiro. Porém, na tabanka a circulação da moeda não é forte, pela presença da solidariedade material e não mercantilização de forma exacerbada dos chamados “recursos naturais” - que ousamos chamar aqui como elementos da natureza. Se são coisas que nascemos e vimos como a relação com eles é dada, por mais que a gente queira, não teria como exigir e abusar desses elementos, por isso a gratidão de colher o que foi dado de acordo com a condição climática. Quando as tias riram perguntando “*e a gente por acaso sabe quantas bacias de tomate conseguimos na última safra?*”, não estavam nos dizendo que são desorganizadas, ou ignorantes. Tomamos essa resposta como maravilhamento, de que “*aceitamos a generosidade desse chão em nos sustentar*”, sem precisar submeter seus frutos a uma métrica desnecessária para nosso sustento. Respeitar o lugar que te sustenta e

pensar nele como lugar que vai beneficiar as próximas gerações é um cuidado muito grande. Somos gratos por estarmos escrevendo sobre tudo isso.

Quando perguntamos sobre a fome no djumbai, a resposta chegou assim: "*aqui dividimos tudo que tivermos com a vizinhança*". Acrescentou o Pápa:

Aqui quando uma pessoa não tem o que comer, outra casa tira a comida ou arroz e manda para a casa que não tem, ninguém nunca fica sem ter o que comer, não partilhar alimento é visto com maus olhos por aqui, se o meu filho mesmo come em todas as casas, por quê que eu não posso dar comida para o meu vizinho. (Djumbai em julho de 2022).

Sobre as frutas, por elas fazerem parte da tabanka - ou demais árvores não frutíferas, tanto quanto as pessoas e animais - disseram que "apenas comemos e o resto fica para os animais, não levamos para vender por conta do transporte, que é muito custoso em razão do peso".

4 Considerações Finais

A evidência da flexibilidade de Papéis foi vista e sentida nas moransas desde o trabalho nas plantações à criação dos animais. Compartilhamos em seguida as trocas que tivemos desde o final do mês de maio até final de junho de 2022 sobre as culturas mantidas dentro de Blom, as atividades desenvolvidas no lugar e a distribuição de tarefas entre contrapartes que integram este chão sagrado. Na fala de Virgínia, Mpilantin, vovó Ktimi, Pápa e o vovô Udeta:

A gente planta tomate, jiló, quiabo, pimentão, berinjela, pepino, pimenta, sucul, as vezes alface, badjiki, aipim e arroz. Frutas que fazem parte da tabanka são: manga, caju, manpatas, goiaba, banana, fole, foroba, veludo, baobá e outras. Nos animais, temos galinha, porco, cabras e bodes, bois e vacas e pescamos também. (Djumbai em julho de 2022).

A dualidade sexual e a flexibilidade dos papéis se destacaram muito nessa seção. A troca entre o homem e a mulher do espaço de cultivo, em diálogo com a condição climática, foi algo que nos chamou muito a nossa atenção. Para as pessoas que habitam a atual Guiné-Bissau, bolanhas são terrenos vastos, pantanosos e muito férteis, usados geralmente para o cultivo de arroz. Temos duas estações climáticas durante o ano: de maio

a início de outubro, época chuvosa; e outros meses ditos época seca por não cair a chuva, porém novembro, dezembro e janeiro são meses frescos ou de frio, como muitos consideram.

Em Blom, no mês de julho, os homens pegam as bolanhas para cultivo de arroz. Para a família de Pápa, o primeiro estágio do plantio começa em frente à casa, lugar pouco úmido, é colocado arroz na chamada sementeira no solo até ter altura de cebolinha ou alho poró, quando é feita retirada para transplantar na bolanha. Então, o arroz é amarrado e colocado na bacia, as mulheres carregam para bolanhas, onde os homens vão abrindo o caminho para que as mulheres o coloquem no solo. Apesar da participação da mulher no processo do cultivo, são os homens os que se responsabilizam pela orizicultura. Essa técnica do cultivo não é global, e para caso das bolanhas serem de água salgada, para bolinha de água doce, o plantio pode se dar uma única vez, sem precisar transplantar de sementeiras para o solo. Pápa explicou que arroz não pode ser plantado em fileira, “*tem que ter espaço para crescer sem incomodar o outro, caso contrário vira tudo capim*”, não consegue se desenvolver, o mesmo vale para aipim, caju e outras plantações, nisso vimos o princípio da circularidade presente na cultura africana.

No mês de outubro, sobe-se para a superfície, a colheita do arroz é feita e as mulheres pegam o espaço para plantar hortaliças, verduras e legumes. Os homens colocam as cercas e abrem o caminho para as mulheres plantarem. Isso acontece até o mês de julho. De novo e assim, esse ciclo vai girando.

Testemunhar essa parceria entre moransas que formam Blom nos levou ao diálogo com as mais velhas que escreveram sobre sociedades africanas antes da invasão colonial. Nas palavras da yorubá Oyěwùmí:

As sociedades africanas nos dias atuais são conhecidas pela desigualdade e estratificação socioeconômica, porém é equivocado sugerir que a assimetria sexual é inerente a elas, ou que a organização social baseada na categoria gênero é anterior à invasão europeia. As autoras Sudarkasa (1987), Oyěwùmí (1997) e Nzegwu (2001) afirmam que a organização social na África pré-colonial era baseada em um sistema de “sexo dual”, associado as formas complementares de poder nas atividades e papéis de mulheres e homens. Estes paralelos frequentemente envolvem rituais, estruturas monárquicas, determinações etárias, sociedades secretas e associações para ambos os sexos. Tanto para Sudarkasa (1987) quanto para Oyěwùmí (1997) e Nzegwu (2001) equiparar diferença sexual com desigualdade sexual é fazer uma leitura distorcida das estruturas sociais africanas e da

importância da organização dual do sexo, visto que a noção de “patriarcado” é um conceito importado e imposto (OYĒWŪMÍ, 1997).



Figura 1: Bolanha e as mulheres.

Fonte: acervo da autoria (2022)

O mesmo se verifica na criação dos animais: os homens criam cabras, bodes, bois, vacas, e pescam no alto mar. As mulheres criam galinhas, porcos e pescam no braço do Rio, junto dos mangues.

Seguimos no djumbai com perguntas, às vezes - que para eles e elas não fazia muito sentido. Compreendemos o nosso lugar de quem nasceu na capital, conviveu na diáspora, não que isso nos torne ocidentais, mas também não vivemos numa tabanka, tem atravessamentos com resquícios das capitais e do ocidente que trabalhamos todos os dia para sepultar, já que não se pode conviver com hábitos ocidentais e sendo uma mulher africana e homem africano com suas obrigações a cumprir, tanto espirituais quanto culturais.

Uma pergunta que surgiu de forma natural foi “se trabalhavam em grupo nos moldes de cooperativa ou associação”. Disseram em forma de corro que “*cada uma*

trabalha no seu quintal e apoia uma outra caso ela precise de forma espontânea e mútua, não nos organizamos em nenhum desses moldes". Tia Kifinhi acrescentou "o que nos cansa muito aqui é a nossa koitadesa, nossa maneira de produzir, não temos ajuda de ninguém aqui, ninguém nos apoia. Essas mulheres, em sua boa parte, são viúvas e criam seus filhos e filhas; seus companheiros já fizeram passagem para dimensão dos ancestrais ou estão muito idoso.



Figura 2. Ataque da praga e produto usado para borrifar a plantação.

Fonte: acervo da autoria (2022)

Nos contaram e mostraram o que tem atrapalhado a plantação: pragas subterrâneas que têm atacado a seiva sugando-a pelas raízes, provocando amarelamento, reduzindo o crescimento e ocasionando até secamento da planta, praga essa desconhecida por essas mulheres. Pela ausência de um instituto de pesquisa que pudesse estar averiguando e

estudando como eliminar essas pragas desconhecidas, preocupadas, tentaram buscar a solução no mercado e disseram que encontraram um produto chinês cujas instruções estão em mandarim e usam um pouquinho para borrifar a plantação. Disseram que têm tido resultados bons, e que deixam de borrifar dois dias antes da colheita. Essas mulheres não são letradas, trabalham com a instrução e o conhecimento adquirido no processo natural de transmissão de conhecimento pela oralidade, onde o código de ensino é outro.

Quando perguntamos sobre o uso dos adubos químicos, nos responderam que apenas no arroz é que não colocam nada, mas para quintais usam adubo químico um adubo preto e um branco em uma quantidade muito pouca, sempre nos diziam quantidades em “muito” ou “um pouco”, nunca uma quantidade que pudesse ser padronizada. O arroz não precisa por seu cultivo ser na bolanha é composto por água salgada.

Voltando para os ODS, após essa breve vivência esplanada para quem vai nos ler poder sentir Blom. A problemática da pobreza e da fome que não cansa de sair da boca daqueles e daquelas cujo o sentido não lhes veste, não passa de ativismos não solidários ou agenciamento dos ditos salvadores e salvadoras dos esfomeados e pobres. Conseguimos no djumbai derrubar a leitura feita no ocidente sobre esse lugar lido como inviável e fracassado. Como empobrecer ou esforçar alguém que vive em abundância? Ou, então, numa perspectiva de prosperidade não capitalista?

Isso nos fez pensar nos índices, indicadores ditos mundiais, que medem graus através de uma única perspectiva, ou então a reprodução do exercício de repetição de um conhecimento específico. Nomearam-nos de país de terceiro mundo com base nas andanças do mundo ocidental, e caso não usar a mesma escada para subir ao seu mundo, deixam de ser os primeiros. Conversando com Tévoédjré (1981), ele vai nos dizer que:

As premissas do pensamento econômico, que dirigem a maior parte dos países do terceiro mundo, estão situadas em outro lugar, qualquer que seja este outro lugar; é um fato, mas também uma grande desgraça. Porque o fundamento da lógica dedutiva, ensina o filósofo, é o princípio da identidade. Uma vez proposto e admitido, já se caiu na armadilha. Após ter feito uma afirmação, não temos o direito de afirmar outra proposição que a contradiga. Encontramo-nos, assim, comprometidos a afirmar sempre a afirmação já feita, com todas as suas consequências.

Numa conversa com um colega também do mesmo território, que está na formação dos ODS em Bissau. Ele nos contou que a ONU em Bissau recrutou jovens para formação sobre os ODS e estes jovens seriam os próximos formadores e formadoras e assim propagando para todo o país. Ele disse ter notado a pressa em formar as pessoas vindo da parte da ONU, receberam dinheiro como formandos e receberam uma outra quantia bem maior quando foram formar outras pessoas. Entre os formadores tinham três pessoas da atual Guiné-Bissau, duas portuguesas e uma brasileira. E nisso falamos sobre esse artigo, e ele foi questionando a Agenda 2030, perguntando como ele vai formar outras pessoas numa coisa que ele não acredita e que não diz respeito a realidade nossa, ele ressaltou “essa Agenda para países europeus, pois esses índices que se encontram só nos seus países”. Acrescentou dizendo “fizeram roupa sob medida deles e agora querem vestir a força essa tal roupa no mundo todo que inclusive eles subhumaniza”.

Ao mesmo tempo que seja muito preocupante a conversa acima é esperançosa também, ver jovens africanos enxergando com seus próprios olhos as marionetagens e camuflagem das agências de desenvolvimento e entendendo o mal que estas fazem as comunidades africanas acreditamos que honra a dimensão ancestral.

Referências

AGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL – ODS – **Agenda 2030**. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Acesse este documento em inglês em <http://bit.ly/2030agenda>. Acesso em: 08 Set. 2021.

BANCO MUNDIAL. World Development Indicators Online. 2019.

CASTRO, J. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

DA SILVA, Maurício Wilson Camilo. **SOMBRA DI POLON: O EMBRIÃO DAS Moransas E TABANKAS DA HERANÇA KAABUNKE**. Arquiteturas Afro-Brasileiras - Um Campo em Construção GT8 - Arquiteturas de Templos Religiosos de Matrizes Africanas. Salvador e Suas Cores 2017.

MACHADO, Dayana C. M; MARQUES, P.M. “**Título**”. VERBETE in Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos (livro eletrônico)/ Marcos Paulo Dhein Griebeler, organizador. 2. Ed. Rev e ampl. Uruguaiana, RS. Editora Conceito, 2021.

_____. “**Título**”. VERBETE in Dicionário de desenvolvimento regional e temas correlatos (livro eletrônico)/ Marcos Paulo Dhein Griebeler, organizador. 2. Ed. Rev e ampl. Uruguaiana, RS. Editora Conceito, 2021.

MARQUES, Ana Carolina de Oliveira.; SOUZA, Josy Dayanny Alves. **DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SOCIOBIODIVERSIDADE: CONTORNOS TEÓRICOS CONCEITUAIS E DIRETRIZES METODOLÓGICAS DE UM PROJETO GUARDA-CHUVA**. Desenvolvimento territorial e sociobiodiversidade. Estudos Geográficos, Rio Claro, 17: 160-175, jan./jun. 2019. Disponível em: (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo> 160. Acesso em 15/11/2022.

MARQUES, P.M. “**Título**”. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

NZEGWU, N. Gender Equality in a Dual-Sex System: The Case of Onitsha. In: **JENDA: A Journal of Culture and African Women Studies**, 1, 1 2001.

OYĚWŪMÍ, O. **The Invention of Woman: Making an African Sense**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1997.

_____. Conceptualizing Gender: **The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies**. African Gender Scholarship: 89 Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

RAHNEMA, Majid. **The Richest of the Poor: An archeology of poverty**. 2001. Disponível em < <https://www.pudel.samerski.de/pdf/majid.pdf>>, acessado em 20 de outubro de 2022.

RAHNEMA, Majid. **Porvety In SACHS, W.** The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power, London & New York: Zed Books, 2010.

REZENDE, Daniela. **A Produção Simbólica da Miséria e dos Miseráveis: Estado, Mídia E População**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informação E Comunicação Em Saúde da Fiocruz, 2019.

RÜCKERT, Fabiano Quadros ... [et al.] (Orgs.). **Histórias da pobreza no Brasil**. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2019.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

SUDARKASA, N. **The Status of Women in Indigenous African Societies**. In TerborgPenn, R., Harley, S. and Benton Rushing, R. eds. In: Women in Africa and the African Diaspora. 1987.

TÉVOÉDJRÈ, Albert. **A pobreza, riqueza dos povos.** São Paulo: Editora Cidade Nova.
Co-edição Petropolis: Editora Vozes, 1981.